



Os Sermões e a Escravidão: Aspectos Filosóficos, Expressivos e Sociais.

Ângela Queiroz Antonini, Aurora Cardoso de Quadros, Gabriel Botelho Brito, Wandeir Souza Lima

Introdução

Padre Antônio Vieira, jesuíta português que viveu no Brasil durante o século XVII, em sua obra, apresenta a polêmica do ser ou não ser literatura. Com seus escritos de cunho político, e uma parenética eloquente, semelhante ao processo de construção do discurso do filósofo Sêneca, traz a reflexão sobre o processo escravocrata no Brasil, sem abrir mão do seu cristianismo.

O processo de crítica social criado por Vieira em seu sermão XXVII [1], principal sermão estudado e abordado por esta pesquisa, se complementa com os outros sermões, como o XIV [2], nos quais critica a forma de escravização tanto do gentio quanto do negro em terras tupiniquins. Confrontando Deus diversas vezes em seus sermões, como em um trecho do sermão principal desta pesquisa, desafia o criador sobre o equívoco da escravidão, questionando a origem de todos os homens como ponderador dos injustiçados, Vieira aponta para Deus: não seríamos nós todos filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Por que então os negros deveriam sofrer tão duras penas? Apenas a cor de pele seria justificativa para ato tão cruel? Dentro do sermão que ajuda a embasar esta pesquisa, devemos entender o Sermão XIV [2], proferido em 1633, com os próprios escravos presentes, como uma tentativa de aliviar as dores do negro no cruelíssimo trabalho nas caldeiras do engenho de açúcar. Dizendo que Maria ama os negros como filhos, trata de vários preceitos e trechos bíblicos, no objetivo de persuadir os pretos de que a desventura do trabalho forçado, na verdade, é a ventura que lhes dará vida eterna. Para tanto, o instrumento seria a fé no Rosário, a oração e a paciência. Em engenhosa arquitetura, constrói vários argumentos, para, então, nos diz Vieira [1]: porque todos os cristãos, pela a fé e pelo batismo, são membros de Cristo, ou seja, todos têm o mesmo valor para o Messias.

Esse conjunto de sermões, conhecidos como Sermões do Rosário, como o havia feito Anchieta [3] em suas cartas jesuíticas, nas quais justifica os processos de escravidão ao seu tempo, trazem críticas e denúncias do processo covarde e cruel da escravidão no Brasil, dentro de uma ótica religiosa, o que resultou para os africanos trazidos para estas terras e os outros elementos caldeados pela colonização o processo do sincretismo religioso, ou seja, a fusão do Catolicismo com outras religiões e crenças no país.

Material e métodos

Através de levantamento bibliográfico e análise do material levantado, o estudo da parenética do Padre Antônio Vieira se faz de forma reflexiva, levando em conta o contexto sócio-político na época em que vivera. O entendimento do seu processo de denúncia da escravidão no Brasil se faz dentro do seu entendimento de mundo, e este estudo observa que, para um jesuíta, a sua compreensão estava além dos valores de então. Os materiais utilizados neste estudo têm por base os sermões do jesuíta chamados de Sermões do Rosário, sendo o principal sermão de pesquisa o Sermão XXVII [1], além de teóricos e críticos literários que fazem da obra do Padre seu objeto de estudo.

Resultados e Discussão

Diante dos resultados analisados através da leitura do material coletado, podemos notar uma visão ampla e humanista, muitas vezes chegando ao ponto de entrar em confronto direto com Deus. Entendendo-se que Vieira fora um homem muito à frente de seu tempo, e através dos estudos feitos com base nos sermões e em estudiosos, podemos perceber que a sua construção oratória voltada ao social às vezes ultrapassa a condição de religioso. Do ponto de vista estilístico, ele foi dos maiores representantes do barroco, com suas antíteses grandiloquentes, suas metáforas cortantes, sua oratória em profusão de argumentos, mais conceptista do que cultista, como aborda Bosi [4] nos explicando o processo de construção do texto de Vieira e suas características barrocas, elencando mais ainda a dicotomia do ser ou não ser literatura.

Conclusão

Levando em conta a sua parenética, a eloquência sacra na voz de um dos maiores delatores da escravidão no país, ao nosso ver, há em Vieira uma figura que muito se aproxima do ideal do verdadeiro cristão, aquela que, pregada em escrituras consideradas sagradas, busca assemelhar-se com a imagem do Cristo, que passara por este mundo 1600 anos antes do jesuíta. Vieira nos mostra, através de seus relatos, como tentara, dentro de suas crenças, pela ação e pela arte da

palavra, modificar a sociedade do seu tempo. E, embora para nós talvez haja em suas ideias algumas crenças retrógradas, pensamos que a análise correta a se fazer é levar em conta o local e o tempo nos quais o padre vivera, além de reconhecer-lhe o talento oratório. Também é importante dar relevo ao papel da palavra em seu empenho de construir imagens e sermões voltados para as dores sentidas pelos negros e para os flagelos do corpo, os quais tentou reverter em salvação da alma. Vieira, no seu papel de jesuíta, fora muito além do que se poderia ir. Mais que nos mostrar através de suas cartas e sermões todo o processo de crueldade que acontecia na terra *brasilis*, mostrou como o modo do dizer conseguiu permanecer até hoje. Lins [5] em sua obra sobre o padre nos delata a comparação que o mesmo fazia entre senhores e escravos, a diferença entre os adornos de luxo usado pelos opressores e os adornos de ferro que simbolizam a escravidão, os grilhões atados aos pescoços, despidos, nus e completamente violados. Seu discurso perpetua-se na arte da palavra, sobretudo pelo modo como movimentava ideias e emoções. E, ainda que sua arquitetura verbal e metafórica tenha sido grandiosa e grandiloquente, não alcançou o êxito da transformação social e política do então regime. Os caminhos seguidos pelos colonizadores já apontavam e fundavam as bases para o nosso regime capitalista

A reflexão que se faz como consideração final fica por conta de Antônio Sérgio, citado por Augusto Meyer [6], em um balanço da atuação do jesuíta no Brasil. Ele conclui que Antônio Vieira acabou por pactuar com as injustiças. Mas, ainda assim, continua sendo para nós um grande artista da palavra e da vida. E, consideramos, em acordo com Veríssimo [7], que sua obra sobrevive através dos tempos devido à emoção que imprimiu nos sermões, o que torna sua parenética distinta dos demais religiosos de então e o insere no campo dos estudos literários.

Referências

- [1] VIEIRA, Antônio. **Sermão XXVII** In: _____. Sermões. Porto: Lello e Irmãos, 1951, vol. XII
- [2] VIEIRA, Antônio. **Sermão XIV**. In: _____. Sermões. Porto: Livraria Lello & Irmãos, 1945. vol. XI
- [3] ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1988. (Cartas Jesuíticas, 3).
- [4] BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- [5] LINS, Ivan. **Aspectos do Padre Antônio Vieira**. Rio de Janeiro: São José, 1962.
- [6] MEYER, Augusto. **Vieira**. In: _____. Textos críticos. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 283-287.
- [7] VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Departamento Nacional do Livro, Fundação Biblioteca Nacional, MINISTÉRIO DA CULTURA Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>> acesso em 24/07/2015 .